

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA
PARTE II - OUTRAS VISTAS DO CAMPO DE BATALHA
9 e 12 de maio de 2023

ESPOIR / 1939

(Espoir - Sierra de Teruel)

Um filme de André Malraux

Argumento e Realização: André Malraux / **Planificação:** Boris Peskine / **Fotografia:** Louis Page / **Operador:** André Thomas / **Música:** Darius Milhaud / **Som:** Robert Teyssere, Archambaud, René Renault / **Montagem:** André Malraux, Georges Grace / **Intérpretes:** José Sampere (Comandante Pena), Andrés Mejuto (Munoz), Julio Pena (Attigniés), Pedro Codina (Schreiner), José Lado (José), Nicolas Rodriguez (Mercery), S. Ferro (Saidi).

Produção: Roland Tual, Coronel Corniglion – Molinier / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, versão original espanhola com intertítulos em francês e legendas em português, 70 minutos / **Estreia Mundial:** Junho de 1945 / **Estreia em Portugal:** Universal, 18 de Janeiro de 1975.

Aviso: A cópia que vamos exibir apresenta ruído de fundo constante, e em alguns troços particularmente audível, bem como “saltos” na passagem das bobines.

- NOTAS:**
- 1) Filmado entre Junho de 1938 e Janeiro de 1939 em Barcelona. Terminado em Paris.
 - 2) As primeiras projecções de **Espoir** tiveram lugar a partir de Julho de 1939. A estreia, prevista para 15 de Setembro de 1939, foi proibida pela censura do governo de Daladier, sendo então Philippe Pétain embaixador em Madrid.
 - 3) A versão original do filme teria sido de 90 minutos. Na sua estreia, em 1945 estaria já porém reduzido a cerca de 70 minutos. É esta cópia que tem sido vista posteriormente e a que se estreou em Portugal.

Apesar da semelhança do título o filme de Malraux pouco tem haver com o romance que ele escrevera em 1937. Concretamente **Espoir** (o filme) aproveita de **L’Espoir** (o livro) apenas o conflito (a Guerra Civil de Espanha) e um episódio: o bombardeamento do aeródromo franquista clandestino. O resto foi escrito por Malraux directamente para o filme que se propôs fazer no início de 1938.

Apesar dos defeitos evidentes que se notam em **Espoir** (o título original era **Sierra de Teruel**, e a alteração para o título com que ficou mais conhecido, talvez por causa da sua conotação com o livro, teve lugar por ocasião da estreia comercial em 1945), muitos dos quais terão a ver com as situações especiais em que foi realizado, em plena economia de guerra, numa Barcelona em alertas diários que impunham constantes cortes de energia eléctrica (o filme teria de ser concluído

em Paris dada a ocupação da capital catalã pelas tropas franquistas), apesar disso o filme de Malraux surpreende ainda pela força lírica que se desprende de muitas das suas imagens, especialmente as da descida dos pilotos feridos ao longo das escarpas, que é justamente a sequência mais fabulosa do filme. Mas não só. Destaca-se ainda pelo vigor realista que leva muitos dos que o vêem a julgar-se diante de um documentário romanceado, tão forte é a ilusão de autenticidade. Ora na verdade todas as cenas foram reconstituídas quer em estúdio, quer em exteriores. Também os actores, à excepção de alguns figurantes, são todos profissionais, destacando-se de entre eles José Sampere, um dos mais populares actores espanhóis dos vinte e trinta, na figura do Comandante Pena. Para essa ilusão contribuem, naturalmente, o aspecto fragmentado, sem uma intriga definida, que o filme ostenta, e as tomadas de vista a que as difíceis condições dão um aspecto mais ou menos tosco. Além disso, a interpretação, apesar de estar a cargo de profissionais, ostenta um certo tom amadorístico que, no fim de contas, é timbre das produções espanholas daquele tempo, e não só, e mesmo em obras de maiores recursos financeiros. O aspecto fragmentado resulta da própria opção do realizador-argumentista, André Malraux (aviador voluntário nas forças republicanas espanholas): mais do que relatar uma acção seguida interessava-lhe descrever uma série de acções que pusessem em relevo a luta do povo espanhol em defesa da sua liberdade. Os episódios surgem quase de forma independente uns dos outros. A soma, porém, de várias emoções, não resulta numa emoção maior. Antes pelo contrário, o resultado é atenuação da força que cada um dos excertos contém em si próprio. **Espoir** vale o que vale cada um desses fragmentos isolados e que ilustram diversos aspectos e situações que a Espanha vivia e sofria em plena guerra. Há um momento admirável que dá de imediato a relação do camponês com a terra: quando um deles é levado a bordo do avião para indicar a localização do aeródromo clandestino. Fora do seu horizonte visual, com a perspectiva mudada, torna-se-lhe impossível distinguir o que em terra reconhecia, e só quando o avião passa praticamente a rasar o solo começa a identificar o que vê. Como Anteu, fora do contacto com a terra fica desorientado e enfraquecido. Esta sequência antecede a celebrada e muito referida sequência da montanha, com o transporte dos aviadores feridos e mortos pela montanha abaixo. Toda a sequência está possuída de um fôlego épico que de imediato distingue **Espoir** dos inúmeros filmes e documentários que então se faziam (nas diversas frentes) sobre a guerra de Espanha. A longa fila dos camponeses ajudando o transporte apanhada em planos gerais evoca irresistivelmente a famosa sequência do desfile da população de Odessa perante o cadáver de Vakouintchouk em **Bronsonets Potiomkin** de Eisenstein. Alguns planos estão marcados por uma grande carga simbólica sem que por isso surjam redundantes: as aves de rapina em volta do moribundo, aquele plano buñueliano do caixão transportado pelo burro, o diálogo simples e breve ("Que podes fazer por um morto?". "Posso agradecer-lhe o que fez"), tudo contribui para fazer desta sequência, impregnada duma intensa força telúrica, talvez a mais significativa de todos os filmes que se fizeram sobre aquela guerra. O resto do filme, já o dissemos, não está à altura desta sequência, mas tem mesmo assim alguns momentos excelentes. Para além do que já referimos, vale a pena destacar a travessia pelos dois republicanos da aldeia franquista e a forma desdramatizada como se ensaia a luta com o traíçoeiro taberneiro, bem como a sequência da distribuição do canhão.

Mais de 70 anos após a sua realização, **Espoir** de André Malraux permanece como um dos testemunhos mais válidos sobre a guerra de Espanha e sobre os homens que nela participaram.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico